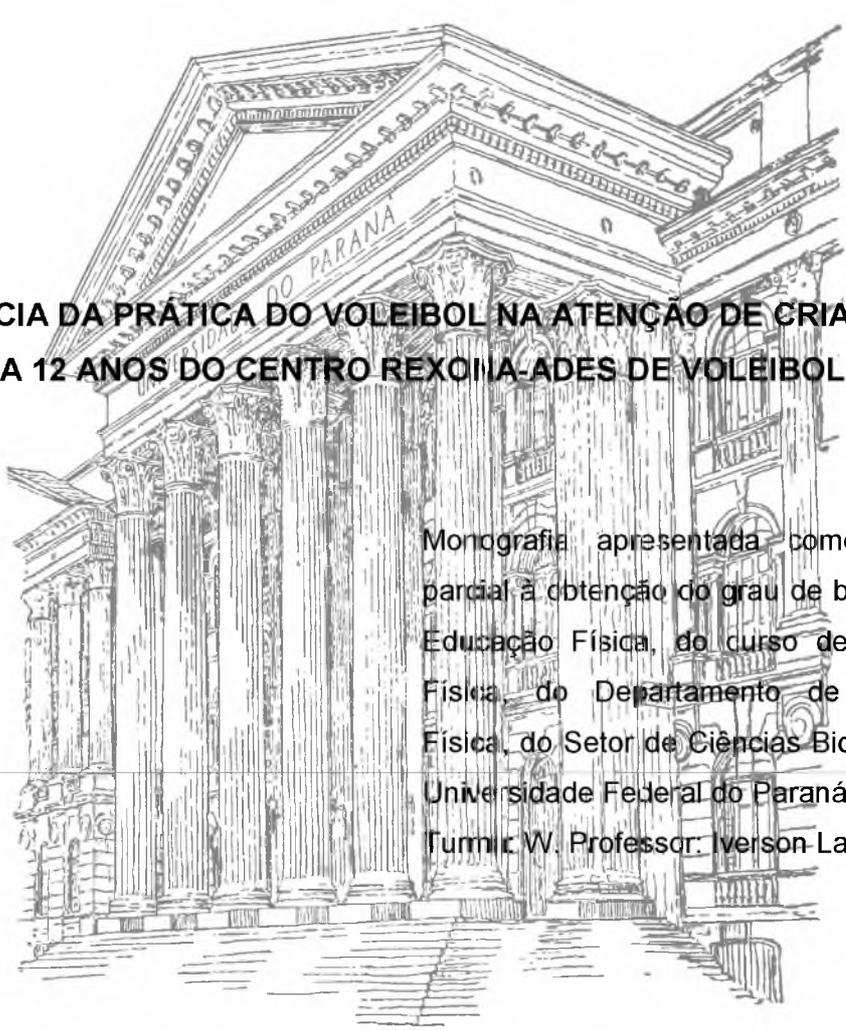


GISELE YURI DE MELLO



**A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DO VOLEIBOL NA ATENÇÃO DE CRIANÇAS DE 8
A 12 ANOS DO CENTRO REXOIII-A-DES DE VOLEIBOL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Educação Física, do curso de Educação Física, do Departamento de Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

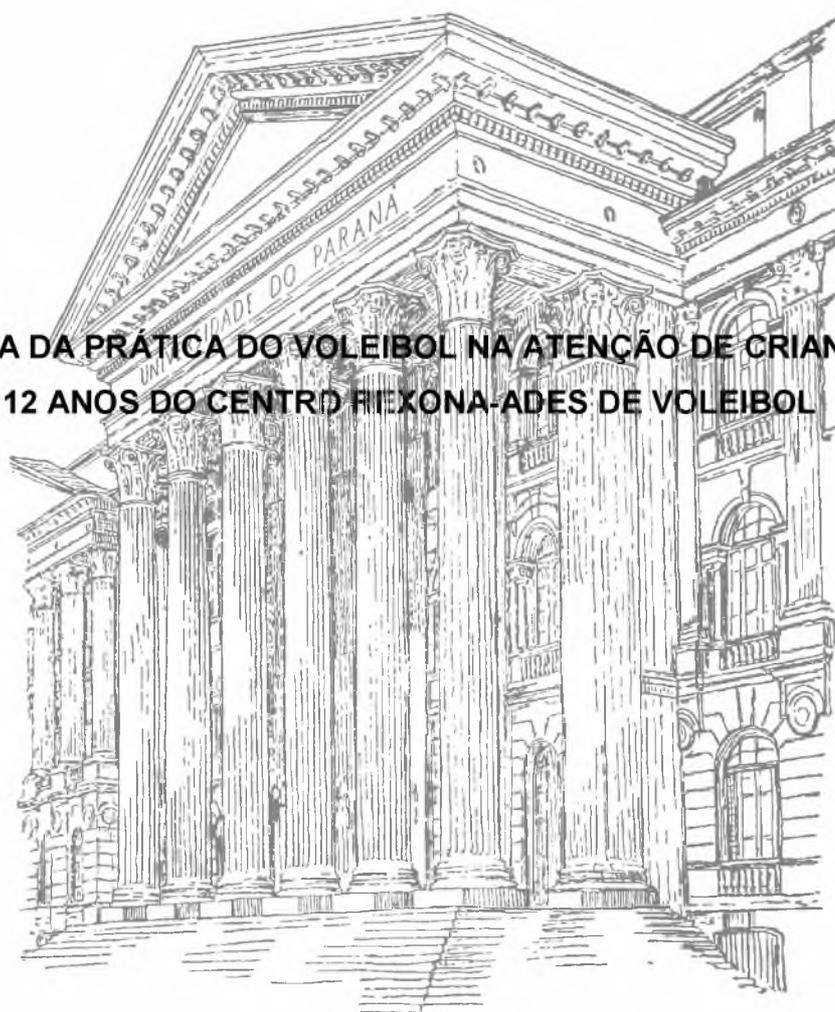
Turma W. Professor: Iverson Ladevig.

CURITIBA

2007

GISELE YURI DE MELLO

**A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DO VOLEIBOL NA ATENÇÃO DE CRIANÇAS DE 8
A 12 ANOS DO CENTRO REGIONAL DE VOLEIBOL**



ORIENTADOR: Ms. FÁBIO HEITOR ALVES OKAZAKI

“É a busca do supremo equilíbrio, num processo inteligente, sua mente clarear sem perceber”

Oswaldo Montenegro

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram pra minha formação, pessoal, acadêmica e profissional. Dedico especialmente àquelas que mesmo ausentes sempre estiveram presentes em minha mente e meu coração.

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus familiares, aos meus amigos, aos mestres e ao meu orientador por estarem presentes nessa importante etapa cumprida da minha vida.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	2
2.1. VOLEIBOL	2
2.2. ATENÇÃO.....	3
3. METODOLOGIA	10
3.1. DESIGN DE PESQUISA	10
3.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA	10
3.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	10
3.4. ANÁLISE ESTATÍSTICA	11
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
5. CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS.....	16
ANEXOS	17

RESUMO

A atenção é um processo cognitivo que organiza e seleciona as informações relevantes no meio para a realização de determinada tarefa. O objetivo do presente estudo foi verificar se há diferença na atenção de crianças entre 8 e 12 anos, praticantes de voleibol extra-curricular, pelo tempo de prática das crianças. A amostra foi composta por 145 crianças, de 8 a 12 anos, participantes do Centro Rexona-Ades de Voleibol, de ambos os sexos, separadas em 4 grupos, sendo G1, de 11 a 12 anos, com entrada no projeto anterior a 2007, G2, de 11 a 12 anos, com entrada em 2007, G3, de 8 a 10 anos com entrada anterior a 2007 e G4, 8 a 10 anos com entrada em 2007. Os instrumentos de avaliação foram um questionário identificador e um teste em formato de vídeo, apenas de estímulos visuais, desenvolvido para esta pesquisa. Para o tratamento dos dados foi utilizada uma estatística descritiva e para verificar a diferença, foi aplicada uma ANOVA one-way com nível de significância de $p < 0,05$. O desempenho na atenção foi analisado de acordo com o número de erros no teste. Cruzando todos os grupos, encontramos diferença significativa entre G1 e G4. Pode-se concluir, então, que a prática de uma atividade extracurricular, nesse caso, o voleibol, proporciona um melhor desenvolvimento da atenção seletiva de crianças, se a permanência destas for acima de um ano na atividade.

Palavras chave: atenção, voleibol.

1.INTRODUÇÃO

Em todos os ambientes a que os sujeitos são expostos, encontramos uma abrangente variedade de informações e estímulos. A realização das tarefas propostas a cada indivíduo, pelo ambiente ou por ele mesmo, é influenciada diretamente pela seleção dessas informações e estímulos.

A atenção é um processo que organiza, alerta e direciona nossos mecanismos psicológicos, concentrando-os no estímulo mais importante para o sujeito naquele momento.

No caso das crianças, não só a realização das tarefas pode parecer mais complexa, como também essa seleção do que é ou não relevante para tal. Sendo assim, é de grande importância que o educador saiba auxiliar os aprendizes não só na realização das tarefas, como também no processo de aprendizagem, criando estratégias que direcionem a atenção das crianças para as informações mais relevantes e facilitando a aprendizagem e a performance.

A aprendizagem é um processo cognitivo pelo qual uma tarefa motora ou psicológica se mantém em nossa memória de longa duração mesmo que não utilizemos a informação durante muito tempo.

Alguns teóricos apresentam o desporto de lazer como modelo democrático de pratica desportiva em relação ao desporto de rendimento, para eles, ele é apresentado como elitista e antidemocrático. O esporte pode ser encarado também de outras formas, como evento, como fator social, porém nesse estudo, será abrangido esporte como fator educador, tentando associar a prática do esporte ao desenvolvimento dos processos cognitivos.

Esse estudo tem como objetivo verificar se há influência da prática do voleibol como atividade extra-curricular na atenção de crianças de 8 a 12 anos, através de um teste, de estímulos visuais, desenvolvido com base na literatura, e realizado com crianças do projeto Centro Rexona-Ades de voleibol.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. VOLEIBOL

O vôlei foi criado pelo professor americano William G. Morgan, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) na cidade de Holyoke, em Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1895, com o nome de mintonette.

Na época, o jogo da moda era o basquete, criado quatro anos antes, porém era um jogo muito cansativo para os associados de idade mais avançada. Era necessária então, a criação de um jogo menos intenso e violento para eles. Morgan chegou a pensar no tênis, mas para isso, precisava de equipamentos como a rede e as raquetes, então, descartou a possibilidade, mas a idéia da rede ainda parecia boa. Ele a elevou a 1,98m do solo, e utilizou uma câmara de bola de basquete para ser rebatida de um lado para o outro da rede pelos praticantes.

Inicialmente, o jogo podia ser praticado tanto em espaços abertos como fechados, e por um número ilimitado de participantes. A câmara de uma bola de basquete era muito leve, enquanto uma bola de basquete era muito grande e pesada. Então, Morgan pediu à A.G. Spalding & Bros que fabricasse uma bola ideal.

Em 1896, uma demonstração da nova modalidade, em uma conferência que reuniu todos os diretores de Educação Física das ACMs, na ACM de Springfield, Morgan explicou aos colegas as regras do jogo e distribuiu um guia que serviria de base para que os outros diretores usassem em suas sedes. Nessa mesma conferência, o nome do novo jogo foi alterado para "Volley Ball", por sugestão do professor Alfred T. Halstead.

A partir daí, o voleibol passou a ganhar novos adeptos, sendo difundido em âmbito mundial. De 1895 para cá, o esporte passou por mudanças desde as dimensões da quadra, como definição de números de jogadores por time, disputa por pontos e não innings, permissão da troca de lugares entre os jogadores de ataque e entre os jogadores de defesa, a infiltração de um jogador do fundo para efetuar o levantamento, permitindo assim que a equipe tenha 3 jogadores atacando, até a criação da função de líbero (jogador exclusivo da defesa), tanto para uma

maior dinamicidade do próprio jogo, quanto para a popularização do mesmo perante o público e a mídia. Essas mudanças permitiram que, em diferentes regiões do planeta, de acordo com as características de seus atletas, formassem as chamadas “escolas” do voleibol, aproximadamente nos anos 50. A “escola” russa é caracterizada pela força física. Já a “escola” tcheca (antiga Tchecoslováquia) é identificada pela habilidade, tendo uma forma mais inteligente e habilidosa de jogar. Na antiga Alemanha Oriental, a característica é a segurança, a minimização dos erros. Na “escola” romena percebe-se que eles jogam com alegria, e até mesmo uma liberdade na hora de jogar. E também tem a “escola” japonesa, que é caracterizada por jogadas rápidas e combinadas. Tais diferenciais eram percebidos facilmente na armação tática e técnica dessas equipes e os outros países procuravam adaptar seu jogo a uma dessas cinco “escolas”.

O voleibol, atualmente, é o segundo esporte mais popular no Brasil, sendo praticado em escolas, escolinhas, projetos sociais, clubes e praças. É também um dos esportes que fazem parte do conteúdo da educação física escolar.

Com habilidades, técnicas e táticas complexas, não é de se impressionar a criação de métodos pré-desportivos como o Mini-voleibol para facilitar o aprendizado na modalidade.

2.2. ATENÇÃO

Quando ensinamos algo, o que desejamos é que o indivíduo assimile a informação, retendo-a para uso posterior. Aprendizagem, neste caso, é conseguirmos realizar uma atividade, mesmo após muitos anos sem a termos praticado, como por exemplo, andar de bicicleta ou nadar. A atenção exerce uma função muito importante na capacidade de retenção de informações relevantes, pois é através dela, associada aos processos de controle, que guardamos informações na memória de longa duração.

Durante o processo da aprendizagem de qualquer atividade, passamos por estágios em que ocorrem diversas mudanças, entre elas, nas exigências nos processos da atenção. Estas mudanças vão desde o momento em que estamos sendo expostos pela primeira vez à atividade e não temos a menor idéia do que

fazer primeiro, até o momento em que já conseguimos realizar a atividade quase sem nenhum esforço cognitivo (LADEWIG, GALLAGHER, & CAMPOS, 1995).

Magill (2000) define a atenção como o envolvimento das atividades perceptivas, cognitivas e motoras associadas ao desempenho de habilidades, sendo essas atividades conscientes ou inconscientes.

Segundo Ballone (1999), a atenção é uma atitude psicológica em que a nossa atividade psíquica é concentrada sobre um estímulo específico, seja este estímulo uma sensação, uma percepção, representação, afeto ou desejo, a fim de elaborar os conceitos e o raciocínio. É a focalização e limitação dos recursos de processamento de informações.

A atenção pode ser definida então, de maneira geral, como “[...] o processo que direciona, seleciona, alerta, delibera, concentra, etc.” (LADEWIG, CAMPOS e GALLAGHER, 1996).

Deve-se lembrar que a falta de atenção em crianças é um ponto crítico para a aprendizagem de qualquer tarefa.

Junto com o surgimento da psicologia, observam-se também, os primeiros estudos sobre a atenção. No final do século 19, a técnica utilizada para tais estudos era a da introspecção, em que o indivíduo observa seus próprios processos mentais. Já o início do século seguinte, o método para se estudar o fenômeno da atenção, foi a realização de tarefas simultâneas, que investigavam o desenvolvimento da automatização de uma nova tarefa, e a atenção necessária para se executar cada uma delas.

Um dos conceitos mais antigos e vigentes até hoje, é que os indivíduos possuem uma capacidade limitada para processar as informações simultâneas do ambiente. Atividades diferenciadas requerem também demandas diferentes de atenção, e, necessita-se um equilíbrio entre a demanda e a capacidade, ou haverá um grande prejuízo na performance da tarefa.

Dentre as primeiras abordagens sobre a limitação da capacidade de atenção, a que mais se destacou foi a teoria do filtro (também conhecida como “canal único” ou “gargalo”), que dizia que o mecanismo da atenção possuía uma capacidade fixa

para processar informações, prejudicando o desempenho cada vez que esse limite fosse ultrapassado. Essa teoria indicava também que apenas uma operação de estímulo-resposta poderia ser executada de cada vez.

Mais tarde, essa idéia foi contestada por diversos pesquisadores, que provaram que os indivíduos são capazes de responder a mais de um estímulo simultaneamente, processando as informações de maneira seriada.

A grande diferença entre estas teorias é a localização do filtro, ou seja, enquanto Broadbent (1958) e Welford (1952) colocaram o filtro no início do processo de seleção, Treisman (1960, 1964, 1969), Deutsch & Deutsch (1963) e

Keele (1973), propuseram que o filtro se encontrava mais além dentro desse processo que seleciona as informações. Porém, todos estes autores concordam que o estímulo antes do filtro é livre de atenção, sendo processado em paralelo (simultaneamente) e quando atinge o filtro, passa a ser processado de maneira serial (individualmente), exigindo atenção (LADEWIG, GALLAGHER, & CAMPOS, 1996).

De acordo com Magill (2000), há também algumas teorias da atenção que se referem a uma reserva central de recursos, em que as atividades competem para dispor desses recursos. De uma maneira geral, essas teorias concordam que a capacidade de atenção é flexível e que as tarefas simultâneas recebem a demanda de atenção de acordo com a dificuldade que apresentam. Há, nesse caso, um inconveniente quando a soma das exigências das tarefas excede a capacidade do reservatório de recursos do sujeito. Os fatores que determinam a quantidade de recursos disponíveis são o nível de despertar da pessoa e as solicitações da(s) tarefa(s). Por fim, deve-se considerar as regras que implicam em como a pessoa aloca os recursos de atenção. uma delas diz que alocamos a atenção para conseguirmos concluir uma atividade, uma outra afirma q alocamos os recursos de acordo com nossas disposições permanentes. Essas são regras da atenção "involuntária". Uma terceira regra refere-se às intenções momentâneas da pessoa, ou seja, a pessoa aloca a atenção de acordo com sua própria vontade ou com alguma instrução recebida.

As teorias dos recursos múltiplos são uma alternativa às teorias dos reservatórios centrais de atenção, e afirmam que possuímos diversos mecanismos de atenção, cada um com uma limitação em seus recursos.

“Wickens propôs uma teoria que se tornou a mais popular de todas. Ele afirmava que os recursos para o processamento da informação provêm de três fontes diferentes. São elas: as *modalidades de entrada e saída* (p.ex., visão, membros e sistema fonador), os *estágios de processamento de informação* (p.ex., percepção, codificação de memória, saída de resposta) e os *códigos de processamento de informação* (p.ex., códigos verbais, códigos espaciais). Nosso sucesso no desempenho de duas ou mais tarefas simultaneamente depende de se essas tarefas solicitam nossa atenção a partir de um recurso comum ou de recursos diferentes. Quando duas tarefas precisam ser desempenhadas simultaneamente e compartilham um recurso comum, elas não serão desempenhadas tão bem quanto se tivessem que competir por recursos diferentes.”

Anderson (1990) concluiu que as demandas no processo de atenção diminuem quando o indivíduo atinge uma fase autônoma, e baseado nisso, dividiu a aquisição de habilidades e a automatização em dois estágios, automático (atividades que necessitam de pouca ou nenhuma demanda de atenção para serem realizadas) e controlado (atividades que requerem atenção durante a performance).

A partir desse estudo, as teorias sobre a atenção passaram a estudar esse fenômeno, Schneider e Shiffrin (1977) investigaram a teoria da automatização, compararam os processos automáticos e controlados, e concluíram que oferecendo um tempo suficiente para a prática, os sujeitos atingiram a automaticidade, porém constataram que essa automaticidade é dificultada quando surgem distrações de uma mesma categoria do alvo a ser identificado (LADEWIG, GALLAGHER, & CAMPOS, 1996).

Magill (2000), diz que o procedimento mais comum utilizado para investigar o limite da atenção é o procedimento da tarefa dupla, que tem como finalidade determinar as características e as solicitações da atenção de duas tarefas diferentes realizadas ao mesmo tempo, observando o grau de interferência causado por uma tarefa secundária.

A técnica da tarefa dupla exige que o indivíduo mantenha o desempenho de uma tarefa primária (ou seja, atinja o estágio autônomo em tal tarefa), enquanto executa uma segunda tarefa.

A realização de alguma atividade em níveis automáticos implica em atingir o terceiro estágio.

A atenção seletiva pode ser definida como a habilidade de o indivíduo dirigir o foco da atenção a um ponto em particular no meio ambiente. Ross (1976), dividiu o processo de desenvolvimento da atenção seletiva em três estágios, de acordo com a idade e o desenvolvimento cognitivo, sendo o primeiro estágio o exclusivo, em que bebês e crianças muito jovens são atraídos por um único estímulo. Aproximadamente na primeira série do ensino fundamental, devido às diversas alterações nos processos de atenção da criança, pode-se dizer que esta já atingiu o segundo estágio, chamado de inclusivo, em que inúmeras informações do ambiente facilmente distraem a criança, levando esta a atender a várias coisas ao mesmo tempo, sem distinguir as informações relevantes das informações irrelevantes. Sendo assim, as estratégias de atenção seletiva, ou seja, selecionar o que é relevante dentre todas as informações do meio, não são usadas espontaneamente até o início da adolescência, em torno dos 11 anos de idade (LADEWIG, GALLAGHER, & CAMPOS, 1996).

Gallagher, French, Thomas & Thomas (1993) ressaltam que a atenção seletiva atua no processo de codificação das dicas específicas relacionadas a tarefa e também, como controladora do processo que mantém informações relevantes na memória de curta duração. Segundo Treisman (1992) e Craik (1996), a atenção seletiva é um pré-requisito para a codificação de informações e os processos de codificação e recuperação são dirigidos pela percepção e a atenção. Ou seja, a atenção seletiva determina o que é percebido e codificado na memória (e com que grau de elaboração), que por sua vez poderá facilitar a recuperação da informação. (LADEWIG, 2000).

Durante as aquisições de habilidades motoras complexas, as informações estarão presentes no meio ambiente, e em constantes mudanças. Sendo assim, o aprendiz deve procurar no ambiente as informações mais relevantes à realização de

sua atividade. A utilização de dicas específicas ajuda a contornar este problema, auxiliando no desenvolvimento das estratégias de atenção seletiva do aprendiz. A melhora na seleção de informações relevantes poderá facilitar a antecipação da resposta, e conseqüentemente, facilitar a “performance”.

O uso de estratégias cognitivas com a finalidade de auxiliar as crianças a lidarem com as distrações do meio ambiente, focando nos aspectos relevantes da tarefa, demonstraram efeitos positivos em diversas situações, como, na seleção de informações dinâmicas no meio ambiente (LADEWIG, 1994; LADEWIG, CUTHMA & MARTINS, 1998; LADEWIG & GALLAGHER, 1994; LADEWIG, GALLAGHER, & CAMPOS, 1994, 1995). As dicas atuam como uma força dominante na mente dos indivíduos, bloqueando as informações irrelevantes a atividade proposta, e são benéficas tanto para adultos quanto para crianças, porém, estas possuem mais dificuldades para processar informações, sendo assim, ao fornecer uma dica a uma criança, devemos dar um tempo maior para o processamento de tal informação (LADEWIG, GALLAGHER, & CAMPOS, 1996).

De acordo com Anderson (2004), o processamento de informações visuais têm como característica um gargalo bastante evidente. A retina possui uma agudeza de percepção variada, atingindo o máximo na fóvea, uma pequena região da retina. Quando movimentamos nosso globo para fixar o olhar em algum objeto, o fazemos para que a imagem do objeto incida sobre a fóvea, maximizando a resolução na percepção do objeto. A fóvea registra uma pequena parcela do que os nossos olhos registram, então, quando escolhemos um ponto a ser fixado, dedicamos o máximo dos recursos de processamento visual a uma parte do campo visual, atenuando os recursos disponíveis ao processamento das outras partes do campo. Devemos identificar uma região interessante fora da fóvea, de modo que orientemos nosso olhar para que se fixe naquela região. Assim, um movimento ocular é sempre precedido de um desvio de atenção.

Entretanto, o foco da atenção não é, necessariamente, a parte do campo visual que está sendo processada pela fóvea. Os sujeitos podem se fixar a uma parte do campo visual e prestar atenção a uma região fora da fóvea. Porém, todos os movimentos dos olhos requerem um desvio de atenção.

O processo que seleciona os aspectos específicos do ambiente que as pessoas prestam atenção é conhecido como foco da atenção. Focalizar a atenção significa “organizar os recursos disponíveis para dirigi-los a determinadas fontes de informação” (MAGILL, 2000).

Nideffer (1995) sugeriu que o foco da atenção pode ser levado em conta de acordo com sua amplitude (largura) ou direção. A amplitude está relacionada ao número de informações existentes no foco, sendo assim, um foco estreito é aquele que contém um número reduzido de informações, enquanto um foco amplo é aquele sensível a um número elevado de dicas simultaneamente. A direção do foco de atenção diz respeito à localização das informações relevantes. Se as informações estão contidas no meio ambiente, utilizamos o foco externo para prestar atenção a elas, e, do contrário, quando prestamos atenção aos nossos pensamentos e sentimentos, utilizamos o foco interno (SCHIMIDT & WRISBERG, 2001).

Dentro desta perspectiva, devemos estar conscientes de que quando trabalhamos com crianças e adolescentes, necessitamos criar estratégias com o objetivo de direcionarmos o foco de atenção das crianças para os pontos críticos da atividade que estamos ensinando e conseqüentemente, facilitar a “performance”.

3. METODOLOGIA

3.1. DESIGN DE PESQUISA

Essa pesquisa seguiu o design *ex post facto*, *quasi-experimental* .

3.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra é composta por 145 crianças entre 8 e 12 anos, de ambos os sexos, praticantes de voleibol, participantes do projeto Centro Rexona-Ades de Voleibol, das categorias Baby e Mini-vôlei.

Os grupos foram separados de acordo com a faixa etária e há quanto tempo praticavam o voleibol no projeto. As crianças de 8 a 10 anos pertencem à categoria “Baby-vôlei” e as crianças de 11 e 12 anos à categoria “Mini-vôlei”. Então, os grupos são G1, crianças da categoria Mini que entraram antes de 2007 no projeto (51 crianças), G2, crianças da categoria Mini que entraram no ano de 2007 (31 crianças), G3, crianças da categoria Baby que entraram antes de 2007 e G4 (19 crianças), crianças da categoria Baby que entraram no ano de 2007 (44 crianças).

3.3. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Para esta pesquisa foi desenvolvido um teste, constituído de uma apresentação em formato de vídeo, de 2 minutos e 25 segundos, apenas com estímulos visuais, em que os sujeitos deveriam identificar e contar o alvo nessas imagens.

O teste apresenta uma seqüência aleatória de fotos – recortes de jogos de vôlei – em que das 61 imagens, 21 vezes aparece a bola de vôlei em jogo, e são essas bolas de vôlei que os sujeitos devem identificar e contar ao longo do teste. Anterior ao teste, as crianças responderam um breve questionário de identificação (ANEXO 1) indicando há quanto tempo freqüenta aulas de vôlei e se pratica alguma outra atividade extra-curricular.

Os dados foram coletados em uma sala, com 1 aluno em cada computador a cada apresentação, e foram classificados dentro do grupo a que cada sujeito

pertence, a partir da categoria que pertence na escolinha (classificação etária) e tempo de prática do esporte.

3.4. ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para o tratamento dos dados foi utilizada estatística descritiva para os grupos. Para verificar a diferença entre os grupos foi utilizada uma ANOVA one-way a um nível de significância $p < 0,05$.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1. Médias de desempenho.

Variável	Media (%)	Desvio Padrão
G1- Mini antes 2007	95,93%	7,92%
G2- Mini 2007	91,05%	23,6%
G3- Baby antes 2007	98,16%	2,86%
G4- Baby 2007	85,68%	23,17%

Gráfico 1. Médias de desempenho.

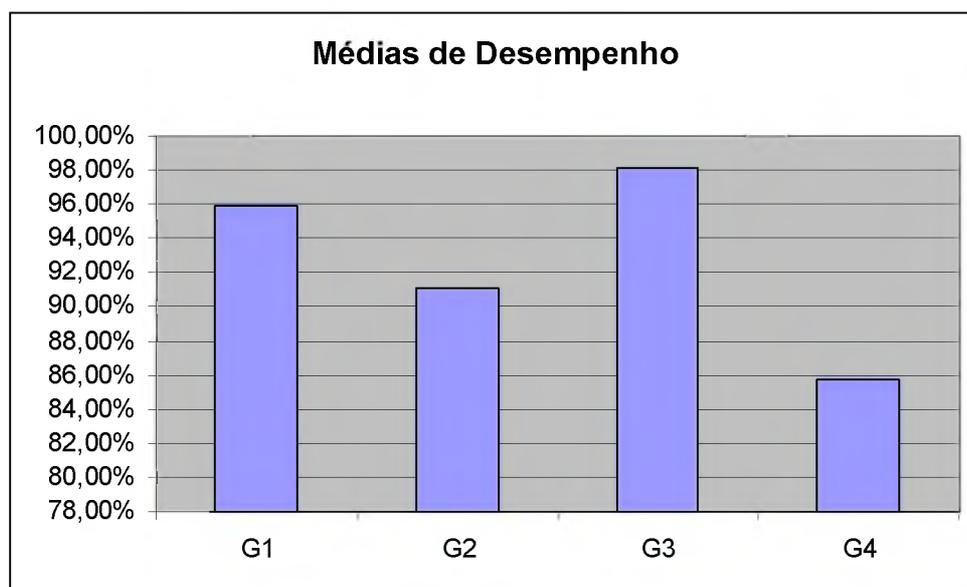


Tabela 2. Análise de variância entre todos os grupos

	Soma dos Quadrados	df	Média quadrada	F	Significância
ENTRE OS GRUPOS	0,329	3	0,110	3,591	0,015
Variável independente	Variáveis dependentes		Diferença média	Significância	
G1	G2		0,0488	0,682	
	G3		-0,0223	0,973	
	G4		0,1025*	0,048	
G2	G1		-0,0488	0,682	
	G3		-0,0711	0,585	
	G4		0,0537	0,635	
G3	G1		0,0223	0,973	
	G2		0,0711	0,585	
	G4		0,1248	0,085	
G4	G1		-0,1025*	0,048	
	G2		-0,0537	0,635	
	G3		-0,1248	0,085	

*significância $p < 0,05$

Os grupos das crianças com entrada anterior a 2007 apresentaram um desempenho melhor no teste de atenção que as crianças que entraram em 2007, como se pode observar no Gráfico 1. Pode-se verificar também uma homogeneidade em G3, com um alto desempenho e baixo desvio padrão, o que pode ser explicado devido ao “n” reduzido (apenas 19 crianças).

Encontramos também uma heterogeneidade nos grupos que entraram no projeto em 2007, em função de seus altos desvios padrões, combinados com suas médias mais baixas.

Comparando todos os grupos, foi encontrada uma diferença significativa no cruzamento entre G1 e G4, com $p > 0,05$, conforme aparece na Tabela 2.

5. CONCLUSÃO

Com os dados obtidos nesse estudo, podemos verificar que não há para este grupo, diferença significativa no desempenho da atenção entre crianças da mesma faixa etária, porém, há uma tendência em as crianças que praticam o voleibol há mais tempo a terem um desempenho melhor.

Pode-se concluir, também, através da diferença significativa entre G1 e G4, que a atenção da criança pode ser melhorada através da permanência da criança na atividade extracurricular, nesse caso o voleibol, pois na escolinha as crianças são submetidas a estímulos e cobranças diferentes as da escola.

Então, é extremamente relevante a importância do professor no desenvolvimento cognitivo das crianças através do fornecimento das melhores estratégias que facilitem o aprendizado e, conseqüentemente, melhorem a performance das crianças.

REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. - **Atenção e Memória** - in. PsiqWeb Psiquiatria Geral, Internet, 1999 - disponível em <http://www.psiqweb.med.br/cursos/memoria.html>. Acesso em maio de 2006.

MAGILL, Richard. **Aprendizagem motora – Conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgar Blücher Ltda, 2000.

LADEWIG, Iverson. **Apostila de Desenvolvimento Motor**. Versão 2003. Curitiba: 2003

ANDERSON, John R. **Psicologia cognitiva e suas implicações experimentais**. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2004

HAYWOOD, Kathleen M.; GETCHELL, Nancy. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

SCHIMIDT, Richard A., WRISBERG, Craig, A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

<http://www.volei.org.br/newcbv/institucional/historia.asp?pag=h-voleibol>. Acesso em outubro de 2007.

http://www.fivb.com/TheGame/Volleyball_Story.htm. Acesso em outubro de 2007.

<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/view/78/58>. Acesso em outubro de 2007.

ANEXOS

ANEXO 1

NOME:

DATA DE NASC.:

TURMA:

1- Em que ano você começou a freqüentar as aulas do Centro Rexona-Ades de voleibol? Se foi em 2007, em que mês você começou?

2- Você pratica algum outro esporte fora da aula de educação física e do Centro Rexona-Ades de voleibol? Qual?

3- Você freqüenta alguma outra atividade extra-curricular (dança, língua estrangeira, informática, etc.)? Qual?

4- Por que você freqüenta as aulas do Centro Rexona-Ades de voleibol?

5- No teste a seguir, aparecerão algumas cenas de jogos de vôlei e você deverá contar quantas bolas de vôlei aparecem nas fotos. Marque no espaço abaixo o número de bolas que você contou.
